A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE CRIANÇAS

VANESSA DA SILVA SENA COSTA

RESUMO
Os contos de fadas representam uma forma literária milenar, com raízes na tradição oral que atravessa gerações, exercendo profunda influência no desenvolvimento psicológico, emocional e moral das crianças. Transmitidos como narrativas lúdicas e fantásticas, esses relatos expandem o horizonte cognitivo infantil, estimulando a criatividade e fornecendo ferramentas simbólicas para processar dilemas existenciais universais — como o medo da perda, o confronto com o mal e a busca pela autonomia. Por meio de estruturas narrativas que transcendem a realidade cotidiana, os contos de fadas enriquecem o repertório emocional e cultural da criança, aprimorando habilidades de cognição, empatia e expressão simbólica. Exemplos clássicos, como "Chapeuzinho Vermelho" (irmãos Grimm) ou "A Bela Adormecida" (Perrault), ilustram como arquétipos de heróis, vilões e transformações mágicas ajudam a elaborar conflitos internos, transformando ansiedades em lições de resiliência. Este artigo traça a evolução histórica do gênero, desde suas origens pré-cristãs em mitos folclóricos europeus e asiáticos — coletados por figuras como Basile e Straparola no século XVII — até as compilações românticas dos Grimm (século XIX) e as releituras modernas de autores como Neil Gaiman. Examina suas características estruturais (segundo Propp: funções narrativas como o "proibido", o "combate" e o "retorno"), mecanismos psicológicos de ação e contribuições para a formação da personalidade infantil. Integrando perspectivas psicanalíticas (Freud e Bettelheim, que veem nos contos catarse para impulsos reprimidos), pedagógicas (Piaget e Vygotsky, enfatizando o papel no desenvolvimento sócio-moral) e literárias (intertextualidade), o estudo demonstra que os contos de fadas transcendem o mero entretenimento. São recursos pedagógicos essenciais, capacitando crianças a enfrentar medos, desafios éticos e o processo de maturação emocional em um mundo complexo.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia infantil; Contos de fadas; Educação; Infância; Desenvolvimento emocional.

INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos, as narrativas de fadas encantam crianças ao redor do mundo. O que muitas vezes é compreendido como simples entretenimento revela-se, sob análise mais profunda, como um mecanismo sofisticado de elaboração psicológica e desenvolvimento emocional. Bruno Bettelheim, em sua obra A Psicanálise dos Contos de Fadas, demonstra que essas histórias possuem um valor inigualável na formação integral da criança, abordando problemas psicológicos do crescimento que outras formas de literatura falham em abordar.

A criança moderna encontra-se imersa em um mundo complexo, frequentemente desorientador. Enquanto cresce, depara-se com sentimentos que não consegue nomear: ansiedade de separação, medos narcísicos, rivalidades fraternas, conflitos com figuras de autoridade e questionamentos sobre sua identidade. Os contos de fadas, diferentemente de narrativas contemporâneas, não evitam esses dilemas existenciais. Ao contrário, apresentam-nos de forma simbólica, permitindo que a criança se identifique com heróis que enfrentam desa os similares aos seus.

A literatura infantil é um segmento importantíssimo para a educação. Na infância, o primeiro contato com o universo das letras acontece, e muitos constroem o hábito da leitura a partir dessa fase. Para além dos benefícios da literatura infantil como impulsionadora de bons hábitos, ela também auxilia no desenvolvimento psicoemocional das crianças. Este artigo examina a importância dos contos de fadas para esse desenvolvimento, analisando seus mecanismos psicológicos, características estruturais e contribuições para a construção da identidade infantil. Argumenta-se que essas narrativas tradicionais permanecem profundamente relevantes, apesar dos avanços tecnológicos contemporâneos, servindo como recursos

pedagógicos e psicológicos de valor incalculável na formação integral da criança.

INTRODUÇÃO SOBRE O GÊNERO TEXTUAL

Os contos de fadas possuem origem tão remota quanto à própria história humana. Segundo estudiosos da tradição oral, essas narrativas tiveram origem celta, criadas por volta do século II a.C., quando mulheres mais velhas contavam histórias carregadas de simbologia especial destinada à educação informal. Porém, inicialmente, esses contos não se direcionavam às crianças. Transmitidos oralmente através de gerações, continham elementos temáticos que hoje consideraríamos inapropriados para o público infantil: adultério, canibalismo e incesto.

A transformação dos contos de fadas em literatura infantil ocorreu gradualmente. No século XVII, Charles Perrault, observando o interesse das cortes francesas por narrativas populares, coletou histórias transmitidas por camponeses, governantas e servos. Perrault não simplesmente documentou essas narrativas; as reformulou, removendo elementos considerados ofensivos à moralidade da época e adaptando-as ao gosto da corte do Rei Luís XIV. Desta forma, criou a primeira coleção formal de contos infantis publicada em 1697, intitulada Contos de Mame Gansa, incluindo histórias como Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Cinderela e O Barba Azul.

Posteriormente, no século XIX, os Irmãos Grimm empreenderam uma pesquisa linguística e folclórica sistematizada, viajando pela Alemanha para coletar narrativas da tradição oral. Sua obra Contos para Crianças e Lar (1812-1822) preservou e codificou histórias que se tornaram clássicas da literatura infantil universal, como Branca de Neve, Os Sete Anões, João e Maria, e Rapunzel. A abordagem dos Grimm diferenciava-se de Perrault por sua preocupação em manter a autenticidade cultural das narrativas folclóricas, mesmo que reconstruídas pela escrita.

Hans Christian Andersen, poeta e novelista dinamarquês, trouxe inovação ao gênero no século XIX, não apenas coletando narrativas tradicionais, mas criando novas histórias seguindo a estrutura dos contos folclóricos. Suas obras como O Patinho Feio e A Roupa Nova do Imperador incorporavam elementos fantásticos e melancólicos característicos do Romantismo.

Os contos de fadas são compostos de elementos narrativos (personagens, narrador, tempo, espaço e enredo), que são uma mistura entre o real e o fantasioso, trazendo um reflexo e uma representação da vida comum. Através desses símbolos, as crianças entram em contato, mesmo que de uma maneira indireta, com temas profundos do cotidiano de um adulto. Os temas são apresentados de maneira lúdica, por meio da fantasia, uma abordagem entendível para os pequenos. A apresentação dessas histórias é fundamental para o desenvolvimento psicológico das crianças, que segundo Mário e Diana Corso (2006), utilizam desses elementos narrativos como suporte para elaborar seus próprios conflitos internos.

A permanência dos contos de fadas através dos séculos não é acidental. Segundo a perspectiva psicanalítica, essas histórias comunicam-se simultaneamente com diversos níveis da personalidade humana: consciente, pré-consciente e inconsciente. Lidam com problemas humanos universais que preocupam as crianças em todas as épocas, oferecendo validação para suas ansiedades internas e sugerindo, através de narrativas simbólicas, possíveis soluções para seus dilemas.

ESTRUTURA NARRATIVA DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas caracterizam-se por uma estrutura narrativa notavelmente consistente, que pode ser dividida em etapas distintas. Frequentemente, iniciam com uma situação de equilíbrio que é rapidamente perturbada por um evento calamitoso. O herói ou heroína é confrontado com um problema enraizado na realidade concreta: pobreza (como em João e Maria), carência afetiva (como em Cinderela), inveja e conflito (como em Branca de Neve). Essa base realista é crucial, pois permite à criança identificar-se com o protagonista e reconhecer seus próprios problemas naqueles do herói ou heroína.

O desenvolvimento da narrativa introduz elementos mágicos: fadas benevolentes, objetos encantados, animais auxiliadores e transformações sobrenaturais. Esses elementos não funcionam como meros adornos

narrativos. Representam, simbolicamente, a ajuda interior que cada pessoa deve mobilizar para resolver seus conflitos: criatividade, intuição, resiliência e conexão com poderes internos frequentemente ignorados pela consciência.

O desfecho é caracteristicamente um final feliz, frequentemente culminando em casamento ou retorno ao lar com reconhecimento social. Mais profundamente, esse final representa a restauração da ordem psicológica interior e o estabelecimento de uma identidade pessoal íntegra e valorizada. Por exemplo, analisando o conto O Patinho Feio de uma maneira aprofundada, o patinho nasce diferente dos demais, ou seja, ele passa pelo sentimento da inadequação, é excluído por eles e rejeitado pela própria mãe, logo, uma rejeição familiar, e no fim, encontra uma família de gansos e percebe que ele é um ganso. O desfecho traz de volta o alinhamento inicial e uma melhora ao protagonista. Além disso, essa história conhecida traz muitos sentimentos difíceis para uma criança descrever, caso passe por algo semelhante. Logo, ela se torna um mecanismo de comunicação e expressão.

Uma característica fundamental dos contos de fadas é a polarização clara entre bem e mal, encarnados em personagens distintos. Os bons são invariavelmente valentes, pacientes, gentis, generosos e belos. Os maus são destrutivos, feios, terrível e fundamentalmente malevolentes. A princípio, essa polarização pode parecer simplista comparada com a complexidade psicológica da vida real. Porém, tal simplificação serve a um propósito psicológico crucial. A mente infantil funciona primariamente através de polarizações: bom/mau, seguro/perigoso, bonito/feio. A criança ainda não desenvolveu a capacidade cognitiva de manejar ambiguidades e contradições como o adulto. Os contos de fadas respeitam esse estágio de desenvolvimento, permitindo que a criança compreenda claramente as distinções morais sem ficar confusa por nuances.

Conforme a criança amadurece, essa base polarizada fornece alicerce firme sobre o qual mais tarde compreenderá a ambivalência humana. Bettelheim (2002) argumenta que a criança necessita estabelecer uma personalidade relativamente firme fundada em identificações positivas com figuras claramente boas antes de poder compreender que as pessoas reais comportam tanto qualidades positivas quanto negativas.

SIMBOLISMO E MECANISMOS PSICOLÓGICOS

O poder transformador dos contos de fadas repousa significativamente no mecanismo de identificação. A criança não percebe a narrativa como externa; ao contrário, imagina-se na pele do herói, vivenciando suas provações e celebrando sua vitória. Essa identificação não é consciente; emerge naturalmente do encontro entre a estrutura narrativa e as necessidades psicológicas internas da criança.

Essencialmente, a criança identifica-se com o herói não porque este seja moralmente virtuoso, mas porque a condição do herói desperta apelo profundamente positivo. Um príncipe encantado não é admirável por sua bondade abstrata, mas porque representa poder, liberdade e reconhecimento. Uma princesa é atrativa não por bondade intrínseca, mas porque é bonita, amada e gentil. A criança não responde à pergunta "Devo ser bom?" mas sim "Com quem quero parecer?" E ao projetar-se em um personagem intrinsecamente atraente que também ocorre ser virtuoso, a criança inconsciente decide que deseja ser boa também.

Através dessa identificação prolongada, a criança vivencia simbolicamente a resolução de seus conflitos internos mais urgentes. Sua ansiedade sobre o amor materno condicional personifica-se na madrasta de Branca de Neve. Sua rivalidade fraterna encontra expressão nas irmãs malvadas de Cinderela. Ao presenciar a derrota de figuras que personificam seus temores, a criança experimenta alívio psicológico e confiança de que pode superar seus próprios medos interiores.

Os contos de fadas funcionam essencialmente como comunicações simbólicas diretas com o inconsciente infantil. Freud, e após Jung, destacaram que o inconsciente se comunica através de símbolos, não de linguagem racional. As bruxas, príncipes, castelos, orestas e transformações mágicas funcionam como símbolos psicológicos carregados de significado para a criança.

A floresta, por exemplo, representa o desconhecido perigoso e ao mesmo tempo libertador. Atravessá-la simboliza separação dos pais, confronto com perigos desconhecidos e descoberta de recursos internos. O castelo representa segurança e poder. O príncipe ou princesa encantado encarna possibilidade de transformação e redenção. A madrasta malvada personifica a face sombria da autoridade materna que, embora temida, a criança reconhece internamente.

Essas não são alegorias intelectuais que a criança deve decodificar; são símbolos que ressoam diretamente no inconsciente, permitindo que conteúdos psicológicos recalcados ganhem expressão segura. Quando a bruxa morre queimada no forno, a criança não conscientiza racionalmente sobre "destruição de aspectos destrutivos do eu." Sente, simplesmente, alivio profundo e satisfação.

CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Uma contribuição fundamental dos contos de fadas para o desenvolvimento emocional é a validação de emoções que as crianças frequentemente tentam negar ou reprimir. A cultura dominante frequentemente ensina às crianças que todos os homens são inerentemente bons, que ciúmes são feios, que raiva é vergonhosa. Porém, toda criança experimenta sentimentos agressivos, destrutivos e até mesmo sádicos.

Quando uma criança ouve que as irmãs de Cinderela são invejosas e malvadas, recebe mensagem profundamente tranquilizadora: outras pessoas também têm desses sentimentos. Ela não é a única por sentir raiva de seu irmão ou inveja de uma colega. Seus sentimentos são humanos e compreensíveis, mesmo que suas expressões precisem ser reguladas socialmente. Essa normalização reduz drasticamente a culpa patológica que frequentemente acompanha sentimentos "ruins".

Igualmente importante, os contos de fadas validam que o mundo não é apenas agradável. Reconhecem honestamente que existem pessoas malvadas, que injustiças ocorrem, que o sofrimento é inevitável. Muitas narrativas infantis contemporâneas evitam completamente essas realidades, oferecendo quadros rosados que, ironicamente, deixam a criança menos preparada para a realidade. Os contos de fadas não negam esses aspectos sombrios; ao contrário, enfrentam-nos diretamente e demonstram que é possível não apenas sobreviver, mas triunfar.

Talvez a contribuição mais vital dos contos de fadas seja a infusão de esperança genuína. Para Bettelheim (2002), cada conto transmite uma mensagem consistente: a luta contra dificuldades graves é inevitável, intrinsecamente humana — mas se a pessoa não se intimidar, se confrontar resolutamente com provocações inesperadas e frequentemente injustas, dominará todos os obstáculos e emergirá vitoriosa.

Essa não é esperança ingênua ou negação da realidade. É esperança fundamentada. O herói não triunfa através de sorte passiva. Cinderela não é salva magicamente; ela mantém seu caráter, sua bondade e sua dignidade mesmo na adversidade, até que sua paciência e virtude são reconhecidas. João não é salvo acidentalmente; ele consegue sair da oresta porque segue um plano bem pensado. A resiliência é presenteada, não negada.

Para crianças que enfrentam angústia genuína — perda, conflito familiar, sentimentos de inadequação — os contos oferecem modelos de perseverança. Se a criança consegue imaginar como um herói menor resolveria uma dificuldade particular, consegue visualizar caminhos para sua própria situação. A fantasia não é fuga; é ensaio mental para ação futura.

Além disso, os contos de fadas contribuem significativamente para o desenvolvimento moral infantil, mas não através de moralizações explícitas. A fábula de Esopo traz lição explícita: "A cigarra e a formiga" ensina trabalho versus ociosidade através de punição declarada. Já os contos de fadas atuam diferentemente. Nos contos, a moralidade não é imposta externamente; emerge do processo de identificação. A criança não é informada que deve ser corajosa e honrada. Ao invés, identifica-se com um herói corajoso e honrado que ela genuinamente admira, e inconsciente decide que deseja ser assim também. Essa internalização é profundamente mais efetiva que pregações.

Consequentemente, os contos transmitem

que o comportamento moral traz recompensas reais. O malfeitor não é apenas punido abstratamente por censura moral; sofre consequências práticas e perceptíveis. A rainha malvada é destruída. O gigante é derrotado. O lobo é eliminado. Para a mente infantil, isso fornece evidência concreta de que fazer o mal não compensa, muito mais efetivamente do que sermões sobre virtude. Pensando para além dos ensinamentos morais, o espelhamento aos personagens ajuda as crianças a enfrentarem desafios difíceis de compreender, mas que acontecem. Conforme elas se desenvolvem, confrontam-se com dilemas existenciais: morte, separação, passagem do tempo, identidade. Frequentemente, os adultos tentam proteger crianças dessas preocupações, acreditando que ignorância é igual a proteção. Na verdade, o resultado é oposto. Muitos contos de fadas iniciam com a morte de um dos pais. Em João e Maria, os pais pobre decidem abandonar os filhos. Em Branca de Neve, a morte da rainha biológica e a chegada da madrasta criam clima de ameaça. Em A Bela Adormecida, a morte potencial é o tema central. Essas não são tangentes morbidas; refletem realidades que preocupam genuinamente crianças.

Quando confrontadas com morte nos contos, as crianças processam essa realidade em contexto seguro. O conto não afirma que morte não existe, mas oferece possibilidade de transcendência. Muitas vezes, o final "e viveram felizes para sempre" implica satisfação tão profunda que a finitude do tempo terreno se torna aceitável.

Segundo Marie Louise Von Franz, em sua obra A Interpretação dos Contos de Fada (1970): “(...) os contos de fada espelham a estrutura mais simples, mas também a mais básica — o esqueleto — da psique.” O esqueleto da psique, conceito junguiano, conecta-se com a estrutura arquetípica e revela padrões do inconsciente humano. Como os contos de fadas são histórias de tradição oral, ou seja, são histórias coletivas, elas revelam verdades sobre o ser humano. E a partir dessas verdades, pode-se chegar aos conflitos internos individuais, como mencionado anteriormente.

Consequentemente, ao ter contato com os contos de fadas, a criança tem acesso ao mundo além da sua própria realidade, mas também consegue criar e desenvolver um repertório que a ajude em seus conflitos pessoais. Segundo Nelly (1993), a literatura produz essa conexão em que o leitor consegue ampliar e enriquecer a sua experiência a partir do contato com outras histórias. Também Freire (2005), afirma que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, logo, a leitura de um conto não é desvinculada a realidade de quem se lê.

CONFLITOS EDIPIANOS E UMA RESOLUÇÃO SIMBÓLICA

Psicologicamente, a criança entre os quatro anos e a puberdade enfrenta conflitos edipianos: ambivalência sobre figuras parentais, competição por atenção, confusão sobre sexualidade emergente. Esses conflitos são profundos e frequentemente causam culpa intensa. A criança reconhece que ama e odeia seus pais simultaneamente; essa contradição é assustadora e confusa.

O complexo de Édipo é um conceito fundamental da psicanálise que descreve um conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta em relação aos pais. Inspirado na tragédia grega de Édipo Rei, Sigmund Freud utilizou esse mito para teorizar sobre as dinâmicas inconscientes que estruturam o desenvolvimento psicossexual infantil e a constituição da personalidade.

Ele caracteriza-se por uma rivalidade com o genitor do mesmo sexo e um desejo pelo genitor do sexo oposto. Na forma positiva, a criança deseja eliminar o rival do mesmo sexo e possuir sexualmente o genitor do outro sexo, espelhando a história do mitológico Édipo. A forma negativa inverte essas posições, evidenciando a ambivalência emocional característica dessa fase.

A resolução do complexo de Édipo está intrinsecamente ligada à formação do superego. Conforme a criança abandona seus desejos edípicos, ocorre um processo de identificação com o genitor do mesmo sexo, resultando na introjeção dessa figura como autoridade moral internalizada. O superego, então, assume a severidade paternal e perpetua a proibição do incesto, transformando-se no herdeiro do conflito edípico.

Os contos de fadas abordam esses conflitos através da figura da madrasta, por exemplo.

A madrasta malvada permite que a criança externalize sentimentos ambíguos sobre a mãe biológica. A rainha invejosa de Branca de Neve persegue a filha por ciúmes e inveja — exatamente as emoções que a criança realmente sente. Porém, ao desaparecer como bruxa malvada separada, a criança consegue manter a imagem idealizada da "verdadeira mãe" enquanto processa sua própria hostilidade.

Da mesma forma, a presença de príncipes permitida à pré-adolescente uma exploração segura de atração emergente. O príncipe não é um pai perturbador, mas uma figura de poder, beleza e reconhecimento. A criança consegue fantasiar sobre atração heterossexual através de identificação com a princesa sem incidir em incesto psicológico, por exemplo. A terapia psicanalítica propõe trazer os conflitos edípicos inconscientes à luz da consciência, permitindo a integração saudável das tensões emocionais primitivas à personalidade consciente e o desenvolvimento de autonomia psíquica.

A CONTEMPORANEIDADE DOS CONTOS DE FADAS

Uma objeção comum em nossa era digital é que contos de fadas se tornaram obsoletos, incapazes de falar para crianças imersos em videogames, cinema e mídia interativa. Essa argumentação é profundamente equivocada. As preocupações fundamentais humanas — identidade, amor, morte, poder, pertencimento — permanecem constantes. A superficialidade de uma parte dos conteúdos expostos na internet não muda a profundidade da psique infantil.

De fato, contos de fadas tornaram-se ainda mais relevantes. Crianças contemporâneas enfrentam pressão social intensificada, isolamento paradoxal, apesar da conectividade digital, e ansiedade sobre futuro incerto. A fantasia contida nos contos oferece refúgio necessário e oferta ferramentas psicológicas para processamento emocional. Enquanto gerações passadas podiam processar experiências através de brincadeiras externas menos estruturadas, crianças modernas necessitam de narrativas ricas que estimulem imaginação ativa.

Educadores e psicólogos cada vez mais reconhecem que contos de fadas devem ser integrados deliberadamente na educação infantil. Não como entretenimento marginal, mas como ferramentas pedagógicas centrais para desenvolvimento integral. A narração de histórias no contexto escolar oferece benefícios simultaneamente cognitivos, emocionais e sociais.

Cognitivamente, contos desenvolvem atenção, memória, sequência lógica e compreensão de causalidade. Emocionalmente, facilitam processamento de sentimentos complexos em ambiente seguro. Socialmente, oferecem oportunidade de discussão sobre valores, dilemas morais e resolução de conflitos. Um conto bem contado, seguido de uma discussão livre, permite que crianças articulem suas próprias preocupações e aprendam que pares compartilham ansiedades similares.

CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS E LIMITAÇÕES

Embora os contos de fadas ofereçam valor inestimável, algumas considerações críticas merecem atenção. Versões excessivamente moralizadas ou censuradas podem perder sua potência simbólica. Quando elementos assustadores são removidos para "proteger" crianças, frequentemente remove-se também a ressonância psicológica que confere ao conto sua capacidade curativa.

Além disso, deve-se reconhecer que diferentes crianças ressonarão com diferentes contos em diferentes idades. O conto significativo em um momento pode tornar-se irrelevante quando novos conflitos psicológicos emergem. A criança que se identifica com João pequeno e temeroso pode, anos depois, identificar-se com João que derrota o gigante. A flexibilidade do retorno ao mesmo conto em idades diferentes é característica de seu valor artístico duradouro. Por fim, para a criança em desenvolvimento típico, os contos de fadas funcionam como profilaxia psicológica — ferramenta preventiva que promove saúde emocional e resiliência.

CONCLUSÃO

Em suma, os contos de fadas representam recurso inigualável para o desenvolvimento emocional de crianças. Através de narrativas simbólicas que respeitam os estágios do desenvolvimento cognitivo, essas histórias comunicam-se diretamente com o incons-

ciente infantil, oferecendo validação para emoções complexas, normalização de conflitos universais e esperança genuína de que dificuldades podem ser superadas.

A permanência de contos como Cinderela, Branca de Neve, João e Maria através de séculos não reflete nostalgia, mas reconhecimento profundo de seu poder transformador. Cada geração redescobre nessas histórias respostas para seus dilemas contemporâneos, sugerindo que tocam verdades psicológicas fundamentais à experiência humana.

Em uma cultura contemporânea frequentemente descontente com a complexidade psíquica infantil, que busca proteger crianças através de negação da realidade ou que as expõe a estimulação sensória desconectada de significado emocional, retornar aos contos de fadas representa ato de sabedoria. Ao contar essas histórias — de preferência oralmente, com envolvimento emocional genuíno — oferecemos às crianças muito mais que entretenimento. Oferecemos mapa simbólico para navegação de terreno psicológico interno complexo; oferecemos validação; oferecemos esperança. Oferecemos, fundamentalmente, o reconhecimento de que a vida interior da criança é significativa e que suas lutas, embora frequentemente invisíveis ao mundo adulto, são tão reais e importantes quanto qualquer realidade externa.

Os contos de fadas continuarão enriquecendo vidas infantis desde que existirem crianças para ouvi-los — porque, enquanto a psique humana permanecer fundamentalmente a mesma, esses contos continuarão oferecendo exatamente o que crianças necessitam para crescer com segurança interior, resiliência e esperança.

REFERÊNCIAS

BASTOS, G. M. A importância dos contos de fadas na educação infantil. Trabalho de Final de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2015.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto

Alegre: ArtMed, 2006. Ebook. ISBN 9788536310220. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536310220. Acesso em: 2 dez. 2025.

FALCHI, Priscila. Ansiedade e Complexo de Édipo. Priscila Falchi - Psicanálise, 17 ago. 2024. Disponível em: https://priscilafalchi.com.br/ansiedade-e-complexo-de-edipo/. Acesso em: 3 dez. 2025.

FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v. 2, n. 1, p. 85-111, 2015.

FARIAS, F. R. A.; RUBIO, J. A. S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. Revista Getrônion, Saberes da Educação, v. 3, n. 1, 2012.

PSICANÁLISE CLÍNICA. O que é Complexo de Édipo? Conceito e História. Psicanálise Clínica, 22 out. 2023. Disponível em: https://www.psicanaliseclinica.com/conceito-complexo-de-edipo/. Acesso em: 3 dez. 2025.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. Psicologia USP, São Paulo, v. 17, n. 2, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000200007. Acesso em: 3 dez. 2025.

VIEIRA, Thiago. Conflito Edipiano: resoluções no menino e na menina. Espelho Psicanalítico, 30 jun. 2016. Disponível em: https://espelhopsicanalitico.wordpress.com/2016/06/30/conflito-edipiano-resolucoes-no-meni no-e-na-menina/. Acesso em: 3 dez. 2025.